

Centro de Estudos Baianos

FREDERICO G. EDELWEISS

A ANTROPONÍMIA PATRIÓTICA DA INDEPENDÊNCIA

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

92

31 de julho de 1981



APRESENTAÇÃO

Nesta mesma data, há precisamente quarenta anos, surgia em Salvador o Centro de Estudos Baianos, agremiação de natureza cultural, que reunia um esperançoso e qualificado grupo de intelectuais da Boa Terra.

Daquele recém-instituído núcleo faziam parte, como sócios fundadores, os seguintes nomes: Anfrísia Santiago, Afonso Ruy de Souza, Afrânio Coutinho, Antônio Balbino, Antônio Osmar Gomes, Diógenes de Almeida Rebouças, Frederico Edelweiss, Heitor Prager Froes, Hélio de Queiroz Duarte, Hermann Neeser, João Augusto Calmon du Pin e Almeida, Jorge Calmon Muniz de Bittencourt, José Antônio do Prado Valadares, José Calasans Brandão da Silva, Luciano de Sá Bittencourt, Luiz Viana Filho, Miguel Calmon Sobrinho, Miguel Dias Lima Santos, Nestor Duarte, Oldegar Franco Vieira, Oscar Caetano da Silva, Oswaldo Valente, Presciliano Silva, Raimundo Paturi, Rômulo Almeida, Walter Veloso Gordilho e Waldemar Magalhães Mattos.

Da autoria de um deles, o pranteado Mestre Frederico Edelweiss, é o texto que ora se divulga.

Trata-se de uma interessantíssima monografia sobre a antroponímia patriótica da nossa independência, que, por feliz coincidência, é divulgada no próprio mês em que se efetivou a libertação da Bahia, ocorrida a 2 de Julho de 1823.

Entendemos, pois, que, ao editar o trabalho em apreço, sob os auspícios da Reitoria da UFBA., estamos homenageando o CEB, no seu quadragésimo aniversário.

De igual modo, ao fazê-lo estamos cultuando a memória dos companheiros desaparecidos, além de festejarmos a presença de tantos quantos ainda se encontram entre nós.

Associamos também o acontecimento de hoje às festas do 35º aniversário da Universidade Federal da Bahia, cujas comemorações, por justas e oportunas, devem ter vigência durante todo o decorrer deste Ano da Graça de 1981.

31 de julho de 1981

Consuelo Pondé de Sena
DIRETORA

STADEN, João. Verdadeira História e Descrição de uma Paizada. Parte II, cap. 12.

Nesta mesma data, foi precisamente durante anos, surgiu em Salvador o Centro de Estudos Baha'is, organização de natureza cultural, que temia um esforço e qualificado grupo de intelectuais da Boa Terra.

Depois recém-instituído núcleo faziam parte, como sócios fundadores, os seguintes nomes: Afrânio Sant'ago, Afonso Ray de Souza, Afrânio Coutinho, Antônio Balthino, Antônio Gomes, Diógenes de Almeida Rebelo, Frederico Edelweiss, Hektor Fragner, Hélio de Queiroz Duarte, Hermann Nezer, João Augusto Camon da Pin e Almeida, Jorge Camon Júnior de Bittencourt, José Antônio do Prado Valadares, José Cabanos Brandão da Silva, Luciano de Sá Bittencourt, Luis Viana Filho, Miguel Camon Sobrinho, Miguel Dias Lima Santos, Nestor Duarte, Odegar Franco Vieira, Oscar Carlos da Silva, Osvaldo Valente, Presciliano Silva, Raimundo Patut, Rômulo Almeida, Walter Veloso Gordilho e Waldemar Magalhães Mattos.

Da autoria de um deles, o pintado Mestre Frederico Edelweiss, é o texto que ora se divulga.

Talvez de uma interessante monografia sobre a antropônimo patriótica da nossa independência, que por feliz coincidência, é divulgada no próprio mês em que se deu a libertação da Bahia, ocorrida a 2 de Julho de 1823.

Entendemos, pois, que ao editar o trabalho em apreço, sob os auspícios da Retoria da UFBA, estamos homenageando o CER, no seu quadragésimo aniversário.

De igual modo, ao fazê-lo estamos cultivando a memória dos companheiros desaparecidos, além de festejarmos a presença de tantos quantos ainda se encontram entre nós.

Assim também o acontecimento de hoje há festa do 32º aniversário da Universidade Federal da Bahia, cujas comemorações, por justas e oportunas, devem ter vigência durante todo o decorrer deste Ano da Graça de 1981.

31 de julho de 1981

Caetano Fontes de Souza
DIRETORA

A ANTROPONÍMIA PATRIÓTICA DA INDEPENDÊNCIA

Frederico G. Edelweiss

Teer considerações em torno de apelidos parece à primeira vista tentame somenos em comemorações como a da nossa Independência. Se mesmo assim persistimos no propósito, é porque, no movimento contra o domínio português de há seculo e meio, o nome tomou para muitos acentuada conotação patriótica.

Mas, para falar em nomes de pessoas ou antropônimos com clareza, é de mister declararmos antes do mais o alcance que damos aos termos *prenome* e *sobrenome* neste estudo, já que a sua acepção varia segundo os autores.

Para nós aqui o *prenome* ou *nome de batismo* é o que acostumamos enunciar em primeiro lugar, o que os pais escolhem e levam à igreja para ser imposto e confirmado pelo sacerdote: João, Ana, Luís, Maria. *Sobrenome* chamamos o *apelido de família*, da geração, que hoje se transmite a todos os descendentes de uma família: Alencar, Brandão, Castro, Dias etc.

Apelidos sempre houve desde as sociedades primitivas. Era em geral um nome único, indicando caracteres físicos ou morais, incidentes fortuitos ou sentimentos de toda a ordem.

João Staden conta da maneira seguinte como os tupinambás da Guanabara procediam para dar um nome a recém-nascidos.

“Alguns dias depois do parto o pai reuniu os vizinhos mais chegados e consultou-os que nome imponente e temível convinha dar à criança. Propuseram-lhe muitos nomes, mas nenhum deles teve a sua aprovação. Preferiu um de quatro antepassados, porque, como disse, os filhos portadores desses nomes cresciam bem e se tornavam destros no cativar inimigos. Passou a nomear os tais ascendentes. O primeiro chamara-se *Kyreyrna*, cujo significado é *diligente, esperto*. O apelido do segundo era *Eiramitã*, ou seja, *abelha parva, avermelhada*. O terceiro fora conhecido por *Coema*, isto é, *manhã* e do quarto já me não lembra. ... Um destes nomes deram ao menino”¹.

¹STADEN, João. *Verdadeira História e Descrição de um País etc.* Parte II. cap. 18.

Encontram-se nas crônicas apelidos indígenas mais extravagantes, como:

Araruiaia	-	Rabo de arara,
Pirajyba	-	Peixe assado ² ,
Tapiir-uba	-	Coxa de anta,
Tocaiçu	-	Galinheiro grande,
Urubupungá	-	Urubu inchado, etc. etc.

Vemos aí que a realidade estava longe daquilo que sugere a fantasia dos nossos escritores românticos em seus poemas e romances.

Passando dos antigos habitantes da nossa terra ao patriciado romano, é interessante verificarmos que ali nunca usaram mais de quarenta nomes diferentes em todas as suas épocas. Com o aumento das famílias evitaram a possível confusão acrescentando ao nome único, geralmente usado, o da *gens*, isto é da geração, e, com a sua multiplicação, ainda em terceiro lugar, o nome da família. Para destacar certas pessoas acrescentava-se uma alcunha, como vemos por exemplo, em *Publius Cornelius Scipio*, cognominado *Africanus*, o Africano, pelos seus relevantes feitos na conquista de Cartago. Só com o advento do cristianismo o reduzido onomástico do patriciado romano se desenvolveu.

Por ordem do Papa Gregório IV, que dirigiu os destinos da Igreja de 827 a 843, os cristãos foram obrigados a só usar prenomes constantes do hagiológico.

Na Península Ibérica, sobrenomes, apelidos de família, só começam a surgir esporadicamente desde o século nono, mas o seu uso generaliza-se mui lentamente e apenas no século dezesseis começam a fixar-se.

Uns traduzem caracteres físicos ou morais: Delgado, Gordo, Moreno, Forte, Calado, Leal, Valente. Outros indicam a profissão do seu portador inicial: Monteiro, Guerreiro, Cortesão, Pastor. Também há nomes que defluem de sentimentos religiosos: Assunção, Reis, Conceição, Cruz, Trindade.

A aquisição de herdades e a sua distribuição entre os membros das famílias ocasionou o aparecimento de nomes de sítios e a sua diversificação: do Lago, do Monte, do Rio, dos Matos, da Serra, do Prado, do Carvalho, do Pinheiro, etc.

Para a fixação dos sobrenomes muito contribuíram os livros de registro paroquiais de batismos e casamentos, principalmente depois que o Concílio de Trento prescreveu o seu uso, em 11 de novembro de 1563. Daí em diante os sobrenomes começam a fixar-se nos domínios portugueses, embora nem sempre representem o nome do respectivo pai. Entretanto, menos estável do que o prenome, o apelido de família pode mudar por motivos vários. Os anais da nossa História guardam repetidos exemplos. O nosso primeiro mestre-escola, o irmão

²Pirajyba ou pirajybe não significa braço de peixe, como se anda apregoando, mas peixe assado ou peixe cozido. Braço de peixe é pirajybá.

Vicente Rijo, não tardou de firmar-se Vicente Rodrigues. E, já que iniciamos os nossos exemplos com um jesuíta, continuemos entre eles. São principalmente os padres estrangeiros que nos tempos coloniais adaptaram os seus nomes ao nosso meio.

O padre irlandês Robert Field passa a chamar-se Roberto de Campos. O pe. Hundt latiniza o seu nome em Canisio. Os pp. João Ginzl e Jódoco Perret adotam respectivamente os parônimos Guedes e Peres. O pe. matemático e astrônomo Valentin Stanzel, sem grandes alterações, torna-se Valentim Estancel. Há também mudanças mesmo entre os padres portugueses por motivos ponderosos. O pe. Antônio Gonçalves, vendo que havia um homônimo entre os jesuítas, procurou prevenir possíveis malentendidos, acrescentando ao seu apelido o cognome *Maranhão*, região onde havia missionado. O mesmo fez frei Francisco de N. Senhora dos Prazeres Maranhão.

Ainda recentemente, embora na Alemanha, um dos mais eficientes etnólogos que exploraram os vales do Rio Negro, Rio Branco e adjacências, Dr. Teodoro Koch, para evitar ser confundido com um seu homônimo, imitou o costume dos capuchinhos, acrescentando ao nome de família o da sua terra natal, passando a chamar-se Teodoro Koch Grünberg, como é conhecido no mundo científico.

Principalmente durante conflitos internacionais ou revoluções em domínios ou colônias a mudança de nomes oriundos de países contrários é um velho costume e freqüente até aos nossos dias. Uma das facetas peculiares em nossas lutas pela Independência é a repulsa ao apelido português, demonstrada por muitos dos patriotas mais exaltados.

Meia dúzia de anos antes da Independência um dos mais operosos membros da Revolução Pernambucana, Antônio Gonçalves da Cruz, certamente num assomo de bairrismo, havia tomado o apelido *Cabungá*, nome da rua em que morava, na cidade de Recife. Tais tendências deviam proliferar entre nós nos pródromos da nossa Independência e delas temos exemplos em jornais defensores da nossa emancipação política.

Em 4 de agosto de 1821, começou a circular na Cidade do Salvador, o *Diário Constitucional*. Propriedade de uma associação, era fundado e redigido, entre outros, por Francisco José de Almeida e Francisco Gomes Brandão, que em sua lusofobia ainda velada na ocasião, já se assinavam respectivamente Francisco José de Almeida Corte Real e Francisco Gomes Montezuma. Essa gazeta suspendeu a circulação em dezembro do mesmo ano, para ressurgir de 8 de fevereiro de 1822 a 3 de abril, quando desapareceu definitivamente.

Foi sucedido por *O Constitucional*. Dele era redator principal o nosso já conhecido Francisco José de Almeida Corte Real, que mais tarde alteraria novamente o seu nome para Corte Imperial. Profligando com rara coragem as arbitrariedades dos militares lusitanos, em breve o jornal foi vítima de violentas represálias,

sendo finalmente a sua tiragem destruída e a tipografia fechada. Durara apenas de 10 de abril a 21 de agosto de 1822.

A luta ia entrar em sua fase culminante e assim, enquanto a Capital permaneceu em poder do General Madeira, não houve nela outra tentativa de se publicar novo jornal arauto do Brasil Independente. Surgiu, entretanto, em Cachoeira, o reduto central dos patriotas, a 1.º de março de 1823, com o título de *Independente Constitucional*. A 7 de agosto, cerca de um mês após a retirada das forças portuguesas, passou a ser publicado em Salvador com o nome de *O Constitucional*. Circulou até 24 de dezembro de 1824.

Foi no *Independente Constitucional*, durante a quadra mais acesa da luta, que vemos surgir uma série de avisos de pessoas, que, se não levaram o seu patriotismo sempre à repulsa dos seus sobrenomes portugueses, pelo menos manifestaram-no pelo acréscimo de um cognome visivelmente brasileiro ou patriótico.

Muitos desses avisos não passam de simples notificação, mas alguns justificam a mudança de vária maneira. Destes, como outros já ressaltaram, merece destaque inicial, pelos ressentimentos que ressumbra, a declaração do capitão e cavaleiro da Ordem de Cristo, Antônio Firmiano Macedo Braga, vindo da Província das Alagoas, “fazendo ciente ao respeitável público, que pelos bárbaros e tiranos males que a nação portuguesa lhe tem causado desde o ano de 1817 até o presente, como são notórios, desterra de si e de toda a sua cara família, de hoje para sempre, os indignos cognomes de Macedo Braga, que neles há herdado de seus pais e avós, naturais desses lugares de Portugal, e substituiu a eles os da sua pátria, passando a denominar-se Antônio Firmiano Brasileiro Carioca e seus filhos: Rodrigo Antônio Brasileiro de Maceió, Inocência e Cândida Flora de Maceió”.

Não satisfeitos ainda os seus ressentimentos com a troca dos apelidos da sua família, também mudou para “Caipira de Maceió” o nome de “Constituição Liberal” da sua embarcação, em que esteve preso, padeceu fomes, péssimas acomodações e maus tratos.

Pronunciada lusofobia também transluz da declaração do dono do engenho Papoçu, João Pereira Galo, que, ingenuamente, “querendo entregar Portugal a um total esquecimento pelos grandes males que tem causado à sua Pátria, risca desde já o cognome Pereira e em seu lugar adota o de Acaiaba Tibireça”³.

Entretanto, expressões de franca aversão a Portugal são esporádicas nesses avisos. Em geral o sentimento patriótico manifesta-se pela simples alteração no apelido, como, por exemplo, no seguinte aviso:

³No anúncio se lê Tabyreçá.

“Francisco Gomes Brandão Montezuma⁴. Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra, Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro, atual Secretário do Conselho Interino do Governo desta Província da Bahia, faz público que d’ora em diante será o seu nome *Francisco Jê Acaiaba Montezuma*. E, protesta não querer com esta mudança, nem lesar-se em seus direitos especiais, nem fazê-lo aos cidadãos com quem tem contraído obrigações, continuando no gozo daqueles e no reconhecimento destes”⁵.

ass. Francisco Jê Acaiaba Montezuma.

Nessa ojeriza patrioteira aos sobrenomes portugueses aparece quem, como alheio ao verdadeiro sentido da corrente, se lembra do descobridor da América na declaração que aí vai transcrita:

“Manuel Pereira de Melo, Tenente-Coronel de Infantaria da Legião de Caçadores, recordando-se da injustiça com que roubaram ao admirável e magnânimo empreendedor Cristóvão Colombo⁶ a glória da feliz descoberta do Novo Mundo e desejando de algum modo vingar tão decidida sem-razão, em memória de tão célebre astrônomo, digno dos nossos maiores elogios, passa a tomar d’ora em diante o seu apelido, e, por segundo o nome de um dos altos montes da Terra de Santa Cruz, ou Brasil, chamando-se Manuel Colombo⁶ Borborema, não sendo, porém, de seu intento com esta mudança de apelidos prejudicar a si, nem a terceiros, o que faz público por este anúncio”.

ass. Manuel Colombo⁶ Borborema.

Mas, não figuram apenas brasileiros na falange que desta maneira se manifestam contra o prolongamento da dominação portuguesa. Houve também portugueses, que, por gratidão e talvez por certa prevenção, se declararam solidários com as nossas aspirações políticas, embora por decência não desfaçam na sua pátria.

Um deles, que figura logo no número 3 d’*O Independente Constitucional*, visivelmente preocupado com as suas propriedades rurais, expressa-se da forma que segue:

“Manuel da Silva e Souza Coimbra, morador da Vila de Maragojipe e seu termo, querendo mostrar-se grato ao País que o recebeu de tenra idade e protegeu com alguma fortuna adquirida com o suor das suas fadigas, declara que d’ora em diante o seu nome será Manuel

⁴É digno de nota o fato de que já acrescentara o apelido *Montezuma* ao seu sobrenome, quando era ainda buliçoso estudante na Universidade de Coimbra.

⁵Esse protesto final tendente a “proteger os seus direitos próprios e os de terceiros” se acha incorporado de uma forma ou outra na maioria dos avisos.

⁶No anúncio sempre vem escrito *Colomb*.

da Silva Carai, por ser este último o nome da primeira fazenda que possuiu e conserva até o presente. Protesta, porém, não prejudicar com esta mudança de nome etc. etc.”

Do mesmo número consta estoutra declaração de um dos mais destacados patriotas das nossas lutas pela Independência:

“Manuel José de Freitas, presbítero secular, professor público da gramática e língua latina, nesta Capital e membro do Governo atual da Província da Bahia, morador da Vila de Cachoeira, querendo dar mais um testemunho autêntico da intensidade da sua adesão à sagrada causa do Brasil, que o acolheu e instruiu desde sua primeira adolescência⁷, declara que tem mudado o seu nome antigo para o de *Manuel Dendê Bus*, por significar o primeiro destes cognomes o fruto brasileiro bem conhecido⁸, e, o segundo uma das nações de aborígenes, que habitam a parte ocidental da Província de Maranhão”. Segue o protesto costumeiro.

Que por parte de alguns houve precipitação nessas mudanças de sobrenome provam umas poucas alterações subseqüentes. Francisco José dos Santos Corvinel, administrador do Armazém Nacional, foi um deles. Tendo alterado o seu sobrenome para Francisco José dos Santos Nacional, achou depois dúbio o sentido de *Nacional* e voltou a declarar logo a seguir no número 3 da gazeta:

“Francisco José dos Santos Nacional participa ao público que em lugar de *Nacional* se deve entender *Murici*, por inculcar este nome a sua naturalidade do Brasil, e não *Nacional* anunciado no número um desta folha ...”

Da mesma forma, Francisco de Paulo Carvalhal, escrivão do Juízo Eclesiástico da Vila de Santo Amaro, que inadvertidamente havia truncado o seu prenome Francisco de Paula, quando fizera anunciar a mudança do seu nome para Francisco Mazombo Jaguaripense, retratou-se no número 26, passando a firmar-se Francisco de Paula Jaguaripense.

Mas, *O Independente Constitucional* tinha circulação muito restrita e os seus avisos permaneciam ignorados em praças mais afastadas, causando a modificação do nome ocasionais prejuízos aos seus portadores nas transações comerciais.

Foi o que experimentou Francisco da Cunha Nabuco de Araújo, que passara a firmar-se Francisco Cambuí de Itapajipe. Achando alto o preço pago pela

⁷ Estas palavras provam que não era brasileiro nato, como afirmam Sacramento Blake e outros.

⁸ O nosso padre guerreiro enganou-se. O dendezeiro (*Eliaeis guineensis*) é originário da África, de onde foi provavelmente importado pelos negreiros. Piso e Marcgrave ainda o não mencionam em meados do século dezessete.

sua inocenta patriotada, não teve dúvida de voltar atrás e publicar no número 51, de 10 de maio de 1824, quando as lutas oficiais haviam cessado, a seguinte retratação:

“O abaixo-assinado, tendo feito público a mudança do seu nome no número 5 d’*O Independente Constitucional* para Francisco Cambuí de Itapajipe, não obstante isso tem sido ele desconhecido nos países estrangeiros, onde tem correspondência, do que lhe tem vindo prejuízos, e por isso, d’ora em diante continua a assinar-se com o seu nome antigo de Francisco da Cunha Nabuco de Araújo.”

Numa terra que viu nascer heroínas da envergadura de soror Joana Angélica e Maria Quitéria, não deve surpreender que a mania nacionalista de substituir o sobrenome português não tenha sido exclusivamente dos homens. Efetivamente, encontra-se em meio dos avisos o de uma mulher que passa a chamar-se Ana Joaquina de Pirajá.

Se passarmos à contagem dos anúncios verificamos que não chega a uma centena os patriotas que confirmam a mudança do seu sobrenome n’*O Independente Constitucional*. Muito maior é, entretanto, o número daqueles que trocaram o nome de família sem nada publicar.

Fizemos um apanhado dos nomes de cunho nacionalista que correram na época documentadamente ou ainda se mantêm, inclusive aqueles que constam d’*O Independente Constitucional*⁹. A lista excede pouco a duas centenas, mas evidentemente não abrange a totalidade, porque a nossa coleta se restringiu ao território baiano. Muitos desses nomes se extinguíram por abandono¹⁰ depois de amainadas as lutas, ou por falta de sucessores. Que houve verdadeira orgia nesse domínio de alterações de nomes, que parece reviver um episódio da Revolução Francesa¹¹, prova o nome de um bacharel baiano citado por Jango Fischer¹² e que havia envolto a sua mediocridade nesta excêntrica ladainha onomástica que aí vai: Benedito Frósculo Joviano de Almeida Aimberê Militão de Souza Barú Itaparica de Boré Fu Mi Ni Tacunduva.

⁹ Outros já se abeberaram na mesma fonte.

¹⁰ Antônio Calmon du Pin e Almeida passou temporariamente a chamar-se Calmon du Pin Patativa e os pósteres de João d’Antas dos Reis não mantiveram o sobrenome d’Antas dos Imperiais Itapicuru, que o seu ascendente havia adotado nos dias memoráveis da conquista da nossa Independência.

¹¹ A 24 do brumário do ano segundo (novembro de 1794) a Revolução Francesa decretou plena liberdade na escolha de nomes. Disso resultou tal balbúrdia, que, em 1803, o governo se viu constringido a revogar esse direito.

¹² FISCHER, Jango. *Índice Alfabético do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake*. Rio, 1937, p.VI.

Enquanto Sacramento Blake cita os autores por ordem alfabética do primeiro prenome, Jango Fischer organizou o seu índice por ordem alfabética do último sobrenome, o que representa serviço de apreciável préstimo.

Considerada isoladamente, a mania de renegar o sobrenome português dos nossos patriotas das lutas da Independência pode parecer infantil e singular. Entretanto, que se trata de um pendor comum e que no caso estão em boa companhia prova um fato relativamente recente e similar.

O príncipe Filipe, consorte da Rainha Elisabete da Inglaterra, é, por parte da mãe, membro da família dos príncipes alemães de Battenberg. Pertence ao ramo que tomou a nacionalidade britânica ao fixar-se na Inglaterra no século passado. Os seus membros, em 1917, a pedido do Rei Jorge V, renunciaram ao título nobiliárquico alemão, traduzindo o nome de Battenberg para Mountbatten.

O príncipe Filipe, ao fixar-se na Inglaterra, seguiu-lhes o exemplo, em 1947, quando desistiu na sucessão ao trono grego, abraçou a nacionalidade britânica e tomou o nome Mountbatten da família materna.

Se examinarmos agora, segundo a sua acepção, a lista de mais de duzentos apelidos nacionalistas recolhidos, notaremos logo a preferência que na escolha se deu à natureza. Os nomes colhidos nos reinos vegetal e animal montam a 45 por cento e a 28 por cento os pertencentes à geografia. Os gentílicos e antropônimos perfazem 10 por cento. O reino mineral é o menos aquinhoado, com um e meio por cento e 15 e meio por cento vêm de procedências diversas^{1 3}.

Embora este nosso apanhado não tenha a pretensão de ser completo, não cremos que os possíveis acréscimos alterem substancialmente a proporção indicada.

Na maioria dos casos a escolha parece ter sido feita sem preocupações outras a não ser a de tratar-se de um nome nacional, ou pelo menos americano: Paraguaçu, Cachoeira, Joaquim Pitombo, José Topásio, Araújo Mato Grosso, Colombo Borborema, Francisco José Marimbondo etc.

Há, entretanto, alguns nomes que dão a impressão de terem sido escolhidos com certa preocupação estética, que lembra a fase pré-romântica à qual pertence cronologicamente o movimento: Américo da Silva, Cambuci do Vale, Cambuí de Itapajipe, Campos Verdes, da Silva Carai e outros.

Alguns poucos patriotas justificam a sua preferência com fatos memoráveis da sua vida. O capitão da Silva Uruabo tomou por último sobrenome a designação do lugar onde havia construído uma bateria para repelir os inimigos da causa do Brasil, enquanto *Carai*, que o morador de Maragojipe, Manuel da Silva, adotou em lugar de Coimbra, representava o grato nome da primeira propriedade rural por ele adquirida, como já vimos.

Sentimos ter que decepcionar novamente aqueles que esperavam ouvir uma série de românticos epítetos do tipo de: Araci, Iracema, Jaguaré, Jandira, Peri,

¹³Veja as listas anexas.

Ubirajara etc. Mas, os nossos patriotas não eram dados a embevecidos estudos do nosso passado indígena; compunham-se na maioria de homens afeitos às duras labutas do campo e já totalmente alheios ao vocabulário, quanto mais aos artificios da composição lexical da língua tupi, ou mesmo da língua-geral, que tantas vezes traíram o próprio José de Alencar.

Se, pois, o índio foi o seu emblema na luta contra o reinol, não foi propriamente a sua língua o veículo das manifestações, mas tudo aquilo que lembrava a terra e o seu espoliado possuidor americano. É assim que devemos entender essa tendência antilusa, um ressentimento que levará anos aceso, porque durante décadas Portugal o alimentou, sufocando as nossas crescentes aspirações de liberdade.

Dama	
Dos Imperiais Brasil	
F	
Firme (Independente)	
G	
Gravata	
Guscimim	
Guaiá	
Guanabara	
Guanabarinô	
Guanais	
Guaraciaba	
Guarand	
I	
Ibiapina	
Ibirapiranga	
Ioi	
Imbaçai	
Imbiara	
Imbiruçu	
Imburana	
Independente	
Irhambupe	
Irajá	
Itabaiana	
Itajá	
Itajuba	
Itapajipe	
Itaparica	
Itapua	
Itapua	
Itaqu	
Itatiaia	

Antropônimos Patrióticos por Ordem Alfabética

A	Cajá	D
Abaeté	Cajaíba	Dendê
Acaiaba	Cajazeira	Dos Imperiais Brasil
Acauã	Cajueiro	Dos Imperiais Itapicuru
Amazonas	Calumbi	E
Aracaroba	Camacã	Embiruçu
Arapiraca	Camarão (Corte Nacional)	Etapirema
Araponga	Cambuci	F
Araripe	Cambuí	Firme (Independente)
Aratu	Caminhoá	G
Araúna	Campos Verdes	Gravatá
Araxá	Camurujipe	Guacinim
Atuá	Camutanga	Guaíá
B	Cana Brasil	Guanabara
Bacuri	Canamirim	Guanabarino
Bahia	Canguçu	Guanais
Baiana	Capanema	Guaraciaba
Baiano	Capirunga	Guaraná
Bahiense	Carai	I
Baitinga	Caramuru	Ibiapina
Baraúna	Carapiá	Ibirapiranga
Batinga	Caroatá	Icó
Bigode	Caraúna	Imbaçaí
Bocaiúva	Caribe	Imbiara
Bolívar	Carigé (Carajé)	Imbiruçu
Borborema	Carioca	Imburana
Botocudo	Carrapicho	Independente
Brasil	Catete	Inhambupe
Brasileiro	Catunda	Irajá
Buriti	Cairu	Itabaiana
Bus	Cauaçu	Itajaí
C	Cidreira	Itajuba
Cabuçu	Cincurá	Itapajipe
Cachoeira	Coaraci	Itaparica
Caetité	Colombo	Itapuã
Café	Coqueiro	Itapura
Cafezeiro	Corte Imperial	Itaqui
Caiapó	Corte Nacional	Itatiaia
Caiçara	Corumbá	
Caipira	Cotejipe	
Caiubi	Cotias	
	Cratingui	
	Cuim	

J
 Jacobina
 Jaguaribe
 Jaguaripense
 Jambeiro
 Jáó
 Jaqueira
 Jararaca
 Jatobá
 Jê
 Jequiriçá
 Jeremoabo
 Jucá
 Jurema

L
 Landim
 Limeira

M
 Macambira
 Maceió
 Mamoré
 Mandacaru
 Mangabeira
 Mangueira
 Manjuba
 Maracajá
 Maracujá
 Marambaia
 Maranhão
 Maranhense
 Marau
 Marimbondo
 Mato Grosso
 Mineiro
 Miroró
 Montezuma
 Moriçoba
 Mororó
 Morotova
 Moxotó
 Muçurunga
 Murici
 Muritiba
 Murta
 Mutum

N
 Nacional

O
 Oiticica
 Oiti(m)
 Olandim

P
 Paca
 Pacova
 Paraguaçu
 Paraíba
 Paraná
 Patativa
 Pataxó
 Paturi
 Pau-Brasil
 Piná
 Pindoba
 Piquiá
 Piraçununga
 Pirajá
 Pirajibe
 Piranga
 Piratininga
 Pitanga
 Pitangueira
 Pitiá
 Pititinga
 Pitombo
 Potiguara

Q
 Quixaba
 Quaraciaba

R
 Rocha do Brasil
 Rodela

S
 Sapucaia
 Sepopira
 Sergipe
 Serjimirim

Sicupira
 Sinimbu
 Suçuarana
 Sucupira

T
 Tabira
 Tamarindo
 Tanajura
 Tapajós
 Tapioca
 Tapirema (por *Etapirema*)
 Tibireçá
 Tigre (de Borborema)
 Timbó
 Titara
 Tiúba
 Tocantins
 Topázio
 Traripe
 Tupinambá
 Tupiniquim

U
 Umbuzeiro
 Uruabo
 Utingaçu

V
 Vale (Cambuí do ...)

Antroponímia Patriótica Separada Segundo a Procedência

I – Antropônimos e Gentílicos

a) Antropônimos

Abaeeté
 Bolívar
 Caiobi
 Caipira
 Colombo
 Montezuma
 Tibireçá

b) Gentílicos

Baiana
 Baiano
 Botocudo
 Brasileiro
 Bus
 Camacã
 Carajé
 Caribe
 Jê
 Pataxó
 Potiguara
 Rodela
 Tapajós
 Tupinambá
 Tupiniquim

II – Do Reino Mineral

Itajuba
 Rocha (do Brasil)
 Topázio

III – Do Reino Vegetal

Arapiraca
 Bacuri
 Baraúna
 Baitinga (Ivitinga)
 Bocaiúva
 Burity
 Café
 Cafezeiro
 Cajá
 Cajaríba
 Cajazeira
 Cajueiro
 Calumbi
 Cambuci
 Cambuí
 Cana (Brasil)
 Canamirim
 Carapiá
 Carotá
 Carrapicho
 Coqueiro
 Dendê
 Embiruçu
 Gravatá
 Guaraná
 Ibirapitanga
 Icó
 Imburana
 Jambeiro
 Jaqueira
 Jatobá
 Jurema
 Landim
 Macambira
 Mandacaru

Mangabeira
Mangueira
Maracajá
Maracujá
Miroró
Mororó
Murici
Muritiba
Murta
Oiticica
Oiti(m)
Olandim
Pacoba
Paraíba
Pau-Brasil
Piná
Pindoba
Piquiá
Pitanga
Pitangueira
Pitiá
Pitombo
Quixaba
Sapucaia
Sepopira
Sicupira
Sucupira
Tamarindo
Tapioca
Timbó
Titara
Umbuzeiro

IV – Do Reino Animal

Acauã
Aracaroba
Araponga
Aratu
Araúna
Cabuçu
Camarão
Camutanga
Canguçu
Capiranga
Caraúna

Cauaçu
Cotias
Cuim
Guacinim
Guaiá
Jaó
Japiáçu
Jararaca
Manjuba
Marimbondó
Mororó
Muçurunga
Mutum
Paca
Patativa
Paturi
Piraçununga
Pititinga
Sinimbu
Suçuarana
Tanajura
Tigre

V – Da Onomástica Geográfica

Amazonas
Araripe
Araxá
Bahia
Borborema
Brasil
Cachoeira
Caetité
Cairu
Campos
Camurujipe
Capanema
Carioca
Catete
Catunda
Cincurá
Corumbá
Cotejipe
Cratingui
Guanabara
Ibiapina

Imbaçaí
Inhambuê
Itabaiana
Itajaí
Itajuba
Itapajipe
Itaparica
Itapuã
Itapura
Itaqui
Itatiaia
Jacobina
Jaguaribe
Jequiriçá
Jeremoabo
Maceió
Mamoré
Marambaia
Maranhão
Maraú
Mato Grosso
Moxotó
Paraguaçu
Paraíba
Paraná
Pirajá
Pirajibe
Piranga
Piratininga
Sergipe
Serjimirim
Tapajós
Tapirema
Tiúba
Tocantins
Traripe
Uruabo
Utinguaçu

VI – Diversos

a) Acepções Adjetivais

Bahiense (Pau-Brasil)
Campos Verdes

Corte Imperial
Firme Independente
Guanabariño
(Dos) Imperiais Brasil
(Dos) Imperiais Itapicuru
Jaguaripense
Maranhense
Mineiro
Santos Nacional

b) Substantivos Vários

Acaiaba
Atuá
Bigode
Caminhoá
Capirunga
Guanais
Etapirema
Imbiara
Irajá
Moriçoba
Morotova
Tabira (Bahense)

c) Substantivos Comuns Indígenas

Caiçara
Carai
Quaraci
Quaraciaba
Jucá
Pina

Procedência Quantitativa e Percentual dos Antropônimos Patrióticos

	Unidades	Percentagem aproximada
Antropônimos e Gentílicos . . .	22	10
Reino Mineral	3	1,5
Reino Vegetal	55	31
Reino Animal	32	15,5
Nomes Geográficos	59	28
Diversos	29	14
Total	211	100

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

- 0 - REGISTRO do testamento com que faleceu em 9 de julho de 1887 Dona Raimunda Porcina de Jesus. Testamenteiro, Cosº Antº Carneiro da Rocha. Salvador, C.E.B., s.d. 5F. (mimeog.)
- 1 - SANTIAGO, Anfrisia. *Capelas antigas da Bahia*. Salvador, C.E.B., 1951. 12p.
- 2 - SOUZA, Affonso Ruy de. *O primeiro teatro do Brasil*, documentos de 1733 sobre o Teatro da Câmara da Cidade do Salvador. Salvador, C.E.B., s.d. 8p.
- 3 - CALASANS, José. *Um discurso de Silvio Romero*. Salvador, C.E.B., 1951. 9p.
- 4 - EDELWEISS, Frederico G. *O príncipe de Joinville no Brasil*. Salvador, C.E.B., 1951. 12p. il.
- 5 - NEESER, Hermann. *A colônia leopoldina*, 1858. Salvador, C.E.B., 1951. 9p.
- 6 - EDELWEISS, Frederico G. *O cacau na economia brasileira*. Salvador, C.E.B., 1951. 6p.
- 7 - SILVA, Alberto. *O cronista e a crônica do Brasil*, documentos seiscentistas sobre o assunto. Salvador, C.E.B., 1951. 8p.
- 8 - TEIXEIRA, Cid. *Um depoimento diplomático*, correspondência do Consul Americano, 1821-1825. Salvador, C.E.B., 1951. 10p.
- 9 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Amor de príncipes*, diário do tenente Maurice Touchard, 1843. Salvador, C.E.B., 1951. 12p.
- 10 - SILVA, Alberto. *O processo dos eclesiásticos da Inconfidência Mineira*, sentença conhecida. Salvador, C.E.B., 1951. 10p.
- 11 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Estadistas bahianos do Imperio*. Salvador, C.E.B., 1951. 14p.
- 12 - SILVA, Alberto. *Um documento inédito sobre as fortificações da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1952. 9p.
- 13 - LIMA, José. *Padroeiros da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1952. 12p.
- 14 - CALASANS, José. *A guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador, C.E.B., 1952. 15p.

- 49 - MORENO, Diogo de Campos. *A Bahia no livro do Sargento-Mor*. Livro que dá razão ao Brasil - 1612. Salvador, C.E.B., 1968. 16p.
- 50 - SANTIAGO, Anfrísia. *D. Raimunda Porcina de Jesus, a chapadista*. Salvador, C.E.B., 1968. 16p.
- 51 - CARVALHO FILHO, Aloysio de. *Um depoimento para a história*. Salvador, C.E.B., 1968. 12p.
- 52 - SOUZA, Affonso Ruy de. *A relação da Bahia, contribuição para a história judiciária do Brasil*. Salvador, C.E.B., 1969. 14p.
- 53 - COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras, quatro artistas baianos*. Salvador, C.E.B., 1969. 14p.
- 54 - CARVALHO FILHO, Aloysio de. *Coelho Netto e a Bahia*. Salvador, C.E.B., 1969. 27p.
- 55 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Xisto Bahia, símbolo do teatro baiano, uma tentativa biográfica*. Salvador, C.E.B., 1969. 16p.
- 56 - CALASANS, José. *Noticias de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 57 - EDELWEISS, Frederico G. *Camarajipe, lagoa do Abaité*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 58 - SALLES, David. *Bibliografia de & sobre Xavier Marques*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 59 - EDELWEISS, Frederico G. *Achegas cronológicas para a história do farol no forte de Santo Antônio da Barra*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 60 - CERQUEIRA, Paulo Pedreira de. *Visconde do Rio Branco*. Salvador, C.E.B., 1969. 15p.
- 61 - COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras, quatro artistas baianos, II*. Salvador, C.E.B., 1969. 16p.
- 62 - CALASANS, José. *Juarez Távora na Bahia*. Salvador, C.E.B., 1969. 8p.
- 63 - BARRETO, Filinto Elysio do R. *O Comendador Antônio Francisco de Lacerda e a evolução dos transportes urbanos na Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1969. 10p.
- 64 - PERES, Fernando da Rocha. *Os filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador, C.E.B., 1969. 10p.
- 65 - AGUIAR, Manoel Pinto de. *História de um Banco*. Salvador, C.E.B., 1970. 15p.
- 66 - FLEXOR, Maria Helena. *Noções de paleografia*. Salvador, C.E.B., 1970. 15p.
- 67 - SIMÕES, Isa Maria Drummond. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador, C.E.B., 1971. 28p.
- 68 - MARIANI, José Bonifácio de Abreu. *Povoamento da Bahia: século XVI*. Salvador, C.E.B., 1971. 19p.
- 69 - ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Salvador. *Ata de fundação*. Ed. facsim. Salvador, C.E.B., 1971. 10p.
- 70 - MAGALHÃES NETO, Francisco Peixoto de. *Reminiscências*. Salvador, C.E.B., 1971. 14p.
- 71 - MACHADO NETO, Zahidé. *Quadro sociológico da 'civilização' do Recôncavo*. Salvador, C.E.B., 1971. 15p.
- 72 - TAVARES, Luís Henrique Dias. *O desembarque da Pontinha*. Salvador, C.E.B., 1971. 16p.
- 73 - CALASANS, José. *Bahia, primeira capital do Brasil, 1549-1763*. Salvador, C.E.B., 1972. 10p.
- 74 - GODOFREDO FILHO. *Dimensão histórica da visita do Imperador à Feira de Santana*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 29p.
- 75 - AZEVEDO, Thales de. *Feira de Sant'Ana, passado e presente*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 9p.
- 76 - FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *As contribuições originais da 'Escola Tropicalista Bahiana'*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 6p.
- 77 - QUADROS, Consuelo Novais Soares de. *Formação do regionalismo no Brasil, Bahia e São Paulo no séc. XIX*. Salvador, C.E.B., UFBA., UFBA., 1977. 20p.
- 78 - NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *'Letras de risco' e 'Carregações' no comércio colonial da Bahia, 1660-1730*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 43p. tab.
- 79 - SENA, Consuelo Pondé de. *Portugueses e africanos em Inhambupe, 1750-1850*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 21p. quadros.
- 80 - LUDWIG, Selma C. *A Escola de Belas Artes cem anos depois*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 17p.

- 81 - GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. *Aspectos econômicos do episódio de Canudos*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 30p.
- 82 - OTT, Carlos. *História da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1978. 34p.
- 83 - EDELWEISS, Frederico G. *Frei Martinho de Nantes, capuchinho bretão, missionário e cronista em terras baianas*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 68p.
- 84 - VIANNA, Antônio. *Quintal de nagô e outras crônicas*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 46p.
- 85 - MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Testamentos de escravos libertos na Bahia no século XIX, uma fonte para o estudo de mentalidades*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 53p. tab.
- 86 - PINHO, José Wanderley de Araújo. *Carta de guia de licenciado*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 32p.
- 87 - EDELWEISS, Frederico G. *José de Alencar, o tupinista segundo as notas ao romance de 'Iracema'*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 39p.
- 88 - TRINDADE - SERRA, Ordep J. *Estrofes e antistrofes, o andamento do drama ritual no culto do candomblé da Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1980. 38p.
- 89 - CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social do Brasil colônia*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1980. 26p. mapas.
- 90 - Catálogo das Obras Raras e Valsas da Biblioteca Frederico Edelweiss. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981, 90p.
- 91 - PEDREIRA, Pedro Tomás. *O Rio Paraguaçu e a sua navegação*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981, 23p.

Composto e impresso por Washington
Estúdio Gráfico Ltda, Rua Tomaz Gon-
zaga, 109 - Pernambuco - Telefone
244-4223 - Salvador - Bahia.